

O Cantinho do Mundo

de Sally Watson



No meu cantinho do mundo eu vivo...

Olhando o riacho, vendo as águas transparentes passarem rápidas e alegres na sua viagem para lá do horizonte.

As pedrinhas lentas, e desajeitadas, tentando acompanhar as gotinhas de água.

Talvez se tenham apaixonado por alguma?

Quem sabe...

Eu não.

E os animaizinhos curvando-se, à beira do pequenino rio, em deferência à sua beleza. Beijando o seu manto vítreo.

Os ventos zunindo pelos ares, cumprimentando as flores, as folhas, os ramos e as árvores, que ondulam na sua

dança.

E o sol que nos acompanha a todos, durante o dia, para ir dormir à noite. Cumprimentando-nos efusivamente quando nos vê, perdidos pela escuridão, ou se comove pela tardinha, quando tem de se ir embora.

Assim é este cantinho do mundo...

Um ribeirinho silvando pelos seixos, na sua jornada infinita que o leva para onde eu não o posso ver. E umas plantinhas... Não me posso esquecer delas! Que me fazem companhia... E uns animaizinhos também... todos eles vivendo comigo.

É o meu cantinho do mundo.

O que se passa para lá deste meu pedacinho?

Não o sei... Mas também não importa. O que importa é o meu jardim, onde eu brinco, eu rio e choro, onde o dia frio me comprimenta, para à tarde me aquecer na sua carícia, e à noite me deixa, coberta pelo seu velho manto negro, cheiinho de buraquinhos.

E assim vou vivendo, com a águinha, com a brisa, com o sol, com os animaizinhos e as plantinhas.

Eu nunca me sinto só...



O meu cantinho do
mundo...

Um dia apareceu um menino, que se sentia cansado do mundo de lá fora.

Estava triste e chorava...

As suas lágrimas escorriam pelas suas faces húmidas e encarnadas, caindo a conta gotas no solo nu perante tanta dor.

O vento desassossegado deixou de correr pelo seu cabelo.

O sol inquieto, escondeu-se por detrás de duas nuvens fugidas de parte incerta.

E o solo enegreceu.

A sua tristeza sentia-se... As suas feridas também...

O meu coração cheio de alegria,

desprendeu-se, soltou-se do meu espanto e timidez... e envolveu-o nos meus braços.

Queria tanto aquecer a sua alma, envolvê-lo no meu calor e no meu amor... Queria tanto...

Aos poucos, o seu choro sentido acalmou, as suas lágrimas desaceleraram pelos contornos do rosto, e a voz soluçada, deu lugar uma respiração suave e profunda, de quem descansa despreocupado.

Ele falou-me do mundo.

De meninos...

Contou-me de revoluções, de ideais, de cisões e invasões...

De invenções de fazer sonhar.

E disse uma coisa com um ar grave, uma coisa que não consigo imaginar.

Será verdade?!

A solidão... o sentimento gelado de não poder partilhar as suas alegrias e os seus sonhos.

A in...compreensão.

Falou-me da noite, da madrugada, do silêncio, do vazio...

E dos seus amigos... longe... sozinhos também...

Conversamos sobre o "tempo"... Que ideia tão absurda a de obedecer a uma "máquina" chamada relógio. De dormir, de comer, de correr a seu mando.

Estará a mentir?

Pode-me querer pegar uma partida... Não sei... Pode estar a brincar comigo!

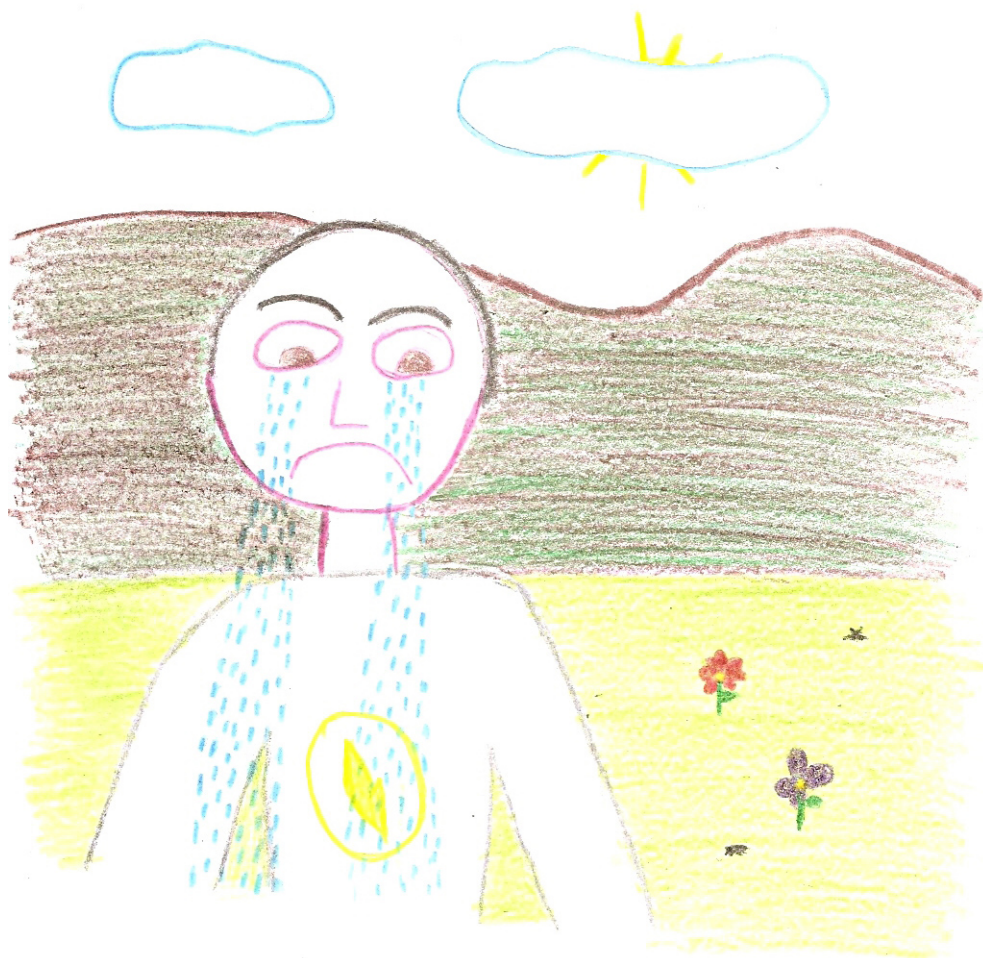
Acho que sim...

Eu deito-me com o meu amigo Sol, sobre o seu manto todo remendado.

Como com os meus amigos animaizinhos...

E corro quando quero, com o vento.

Ai ai, que menino tão estranho!



O menino triste...

Muitos dias se passaram...

O menino e eu partilhávamos o sol, o vento, o mesmo manto negro e roto, a terra, e a água do ribeirão.

Vivêmos com os bichinhos e as plantas...

E no nosso cantinho de mundo fomos felizes os dois.

Quanto mais ele me contava do sítio de onde vinha, mas ele o esquecia...

As suas lágrimas desapareciam...

E as feridas saravam.

Talvez a “solidão” tenha desaparecido...

Talvez...

Não sei bem...

Todos os dias, quando o Sol nos cumprimentava pela manhã, e eu abria os olhinhos, via o seu sorriso largo e caloroso.

Eu chamava-o de filho do Sol, e ele olhava para mim com desdém. Como se eu estivesse a brincar com ele.

Ele é tão bonito...

Serão todos os meninos assim?



Serão todos os meninos tão bonitos assim?

Estava o Sol a acariciar-nos com o seu calor, e as plantinhas a dançarem ao vento, quando vimos dois meninos.

Olhamos um para o outro.

Sorrimos...

Mais meninos para nos fazerem companhia!

Eles desciam pesarosamente a encosta que dá para o nosso cantinho...

Talvez seja das roupas estranhas e brilhantes que trazem, e reluzem que nem pedrinhas na água.

Não pareciam tristes, mas também não pareciam alegres...

Estavam com uma cara séria...

Meteu-me medo.

Se calhar têm medo como eu... Deve ser só isso.

Vou ter com eles... Se calhar vêm da mesma terra do menino meu amigo.

Vou sorrir-lhes...

Os olhos deles arregalaram-se... as suas bocas desenharam um sorriso estranho.

Tenho medo...

O menino está aterrorizado...

Que se passa, meu amigo?

Eles avançavam ameaçadoramente, com um passo pesado, a roupa a tiritar...

Tenho medooooo...

As lágrimas começaram a cair a conta gotas... mais e mais rapidamente.

Que sensação é esta?

Tenho medo...

Dois braços negros e fortes pegaram em mim...

Eu esbracejei...

Gritei...

Chorei...

O menino?

Onde está o meu amigo?

Eles já o levavam... Riam-se...

O ribeirinho... o ribeirinho...

Não me saia mais nada...

Queria dizer-lhes que podiam brincar conosco pelo ribeiro, com o sol, o dia, o vento, os bichinhos e as plantinhas... mas as palavras saiam-me descontroladas. Umas as dizia, outras eram silenciadas na minha boca.

Que se passa?

Para onde eu vou?

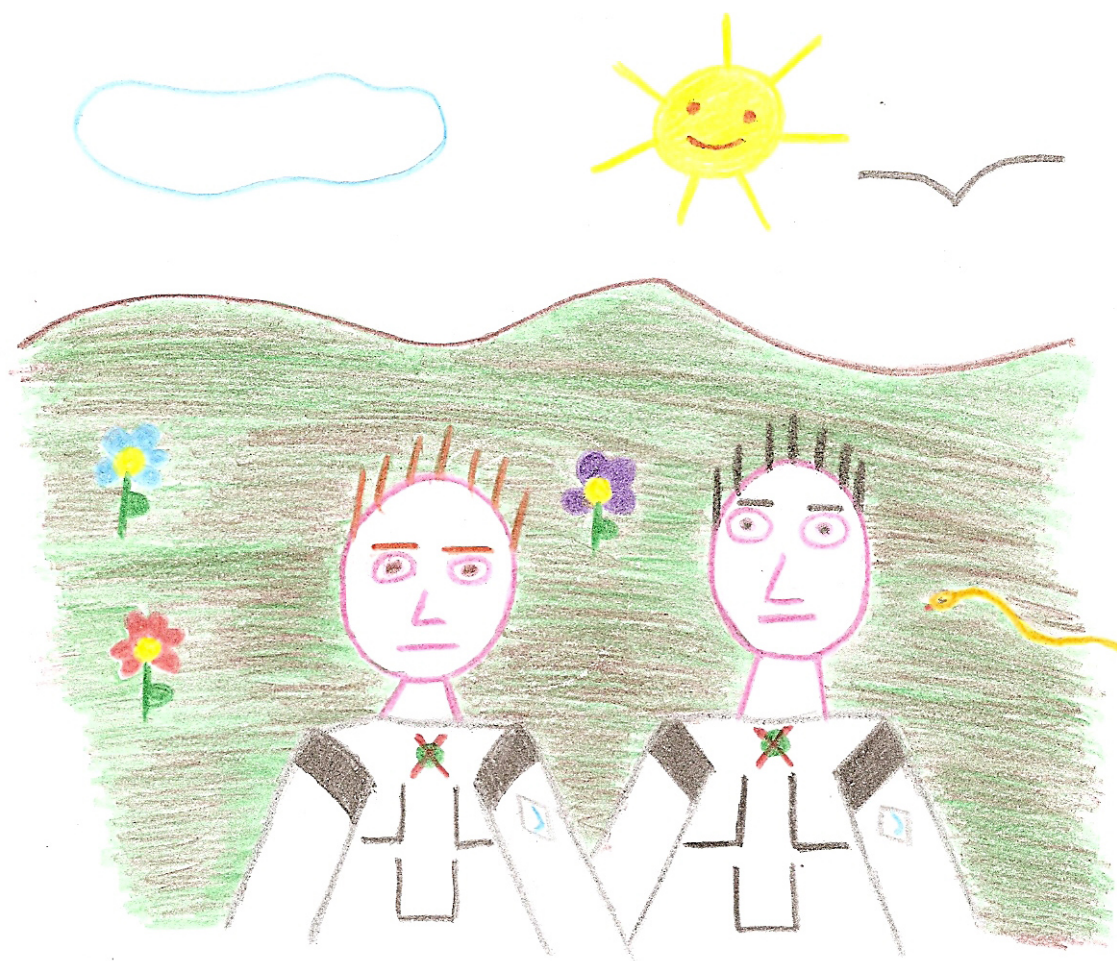
O meu cantinho...

Chorava tanto...

As lágrimas corriam como as águas

deslizando por entre os seixos...

O meu ribeirinho...



*Os outros meninos com
roupas estranhas...*

Está escuro... tão escuro...

Tenho medo!

Sinto pés em cima de mim...

Onde estou?

Não me consigo mexer...

Tenho medooooo....

"Chorava tanto..."

O meu ribeirinho... O meu ribeirinho...

"Ouvia risos, enquanto chorava..."

Porque estão a rir?

Porquê?

Eu quero o meu sol, o meu vento, o meu ribeirinho...

A minha voz soluçava... as minhas lágrimas alagavam o chão escuro, e encharcavam o meu corpo.

Quero o meu ribeirinho...

De repente fez-se luz.

O Sol, o Sol veio-me resgatar...

Mas não me consigo mexer...

E o Sol... o Sol... não é o mesmo.

É tão escuro...

Tudo é tão escuro...

Não vejo as minhas plantinhas... nem o meu

ribeirinho... nem sinto o vento...

Onde estou?

Que sitio é este?

Onde está o meu ribeirinho...

O meu ribeirinho...

"Chorei tanto que pensei que ia morrer..."

As minhas lágrimas sufocavam-me...
apertavam-me o peito... não me deixavam
respirar... Os meus olhos ardiam... A minha
cabeça doía tanto...

O meu ribeirinho!!!!!!



O meu ribeirão!!!!

Estava no mundo de lá fora...

Com tantos meninos, como nunca tinha imaginado.

Mas todos tão tristes... Tão sós.

Tão sós nos seus mundos... tentando desesperadamente partilha-los. Mas ninguém os compreendia, ou tinha tempo para os compreender.

Estavam todos mesmerizados pelo "progresso" e o "sacrifício necessário".

Todos tão tristes...

Até o Sol parecia triste...

Que mundo este...

Quero o meu ribeirinho... o meu Sol... as

minhas plantinhas... os meus bichinhos...
Quero!!!!

E as lágrimas caíam outra vez, como da
primeira vez que vi esta paisagem cinzenta.

Que mundo é este?



Que mundo é este?

Que mundo é este?